

---

# As raízes históricas do processo de secularização e sua implicação na atualidade

Paulo Sergio CARLOS<sup>1</sup>

**Resumo:** A sociedade atual passa por um processo de profunda mudança no que se refere aos valores éticos. Luta pelos direitos humanos, liberdade de expressão, autonomia do sujeito quanto às suas próprias escolhas; são alguns dos temas muito presentes nos debates acadêmicos e também nas mídias sociais. Se antigamente era a religião que normatizava e direcionava o agir humano, através de rígidas leis e normas morais, na modernidade, surge uma tendência de estabelecer certa distância dessa esfera para se ter maior autonomia de decisão quanto aos novos rumos da sociedade. A isso chamamos de secularização. Uma pesquisa sobre o tema é bastante justificável visto que não estamos num terreno estável. Há um debate, quando não, um confronto aberto entre os que defendem a influência dos preceitos religiosos no estabelecimento das leis civis e na condução da sociedade e aqueles que querem isenção de qualquer discurso de cunho religioso em relação à ordem social. O objetivo desse trabalho foi encontrar pistas e chaves de leitura que facilitem uma melhor compreensão desse complexo processo que é a secularização. Quanto à metodologia utilizada, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, cujos resultados evidenciaram que os fenômenos sociais observados na atualidade, de forma especial a secularização, têm como fundamento uma série de transformações ideológicas, políticas e culturais ocorridos na sociedade, nos últimos séculos. Como conclusão dessa pesquisa, podemos dizer que a solução para os desafios sociais não está na polarização entre grupos “a favor” e “contra” tal norma ou tal comportamento social, mas na busca de diálogo e respeito entre os vários grupos. O sistema democrático nos aponta para essa direção.

**Palavras-chave:** Secularização. Religião. Igreja. Sociedade. Modernidade.

---

<sup>1</sup> Paulo Sergio Carlos. Bacharel em Teologia pelo Claretiano – Centro Universitário. E-mail: <paulocchristi05@gmail.com>.

# The historical roots of the secularization process and its current implications

Paulo Sergio CARLOS

**Abstract:** Today's society undergoes a profound process of change in ethical values. Struggle for human rights, freedom of expression, autonomy of the subject as their own choices, are some of the themes very much present in academic debates and also in social media. If, in the past, it was religion that regulated and directed human action through rigid laws and moral norms, in modernity there is a tendency to establish a certain distance from that sphere in order to have greater autonomy in deciding the new course of society. This is called secularization. A research on the subject is quite justifiable since we are not on stable ground: there is a whole debate, if not an open confrontation between those who defend the influence of religious precepts in the establishment of civil laws and in the conduct of society and those who want exemption of any religious discourse in relation to social order. The objective of this work was to find clues and keys of reading that facilitate a better understanding of this complex process that is the secularization. When the methodology used, it is a bibliographical research around this theme. Regarding the results, it was quite evident that the social phenomena observed today, especially secularization, is based on a series of ideological, political and cultural transformations that have taken place in society in recent centuries. As a conclusion to this research, we can say the solution to social challenges is not in the polarization between groups "for" and "against" such a norm or such social behavior, but in the search for dialogue and respect between the various groups. The democratic system points us in that direction.

**Keywords:** Secularization. Religion. Church. Society. Modernity.

---

## 1. INTRODUÇÃO

Separação entre Igreja e Estado, conflitos entre leis civis e posturas religiosas, fim do ensino religioso nas escolas públicas, polêmicas em torno da retirada de símbolos religiosos de prédios governamentais, passeatas e protestos de associações feministas e grupos GLS (gays, lésbicas e simpatizantes) contra as normas morais da Igreja Católica que não aceitam o aborto, o uso de métodos contraceptivos, a união homoafetiva. Tudo isso denota um longo e complexo processo que se desenvolveu ao longo dos últimos séculos e que tomou enormes proporções na atualidade. Estamos falando do processo de secularização.

Por secularização entendemos a dinâmica na qual setores da sociedade, que antes estavam sob a tutela da Igreja e influenciados pelo pensamento religioso, fazendo uso da liberdade e da autonomia, elementos característicos do mundo moderno, emancipam-se das normas e preceitos religiosos.

Diante disso, há toda uma contestação da parte da Igreja que, perdendo sua influência junto à sociedade, sente-se ameaçada e tolhida na sua pretensa missão de governar os povos a partir dos ditames divinos. Como bem sabemos, a Igreja bem que quis combater o mundo moderno. Anátemas foram redigidos, pronunciamentos papais que denunciavam os abusos se multiplicaram, cruzadas para o ressurgimento de uma neo-cristandade foram organizadas. Porém, como nada disso adiantou, a Igreja teve que se reconciliar com o mundo moderno; reconheceu a legitimidade e a autonomia das realidades terrenas, o valor da subjetividade humana, bem como o progresso dos povos como manifestação da presença do reino de Deus e auxílio divino junto à humanidade. É isso que observamos nos documentos conciliares do Vaticano II, principalmente na Constituição dogmática *Gaudium et Spes* que reflete sobre a relação da Igreja como o mundo moderno.

Para bem compreendermos a secularização, é necessário averiguar os antecedentes do mundo moderno, ou seja, a cosmovisão medieval que, como sabemos, tinha Deus e os elementos religiosos como fundamento de tudo que existe. Importa também acompanhar

---

as mudanças ocorridas no início da modernidade, a natureza do termo secularização e sua influência na sociedade atual.

## **2. METODOLOGIA**

A pesquisa sobre o surgimento, desenvolvimento e a repercussão do processo de secularização, na sociedade atual, foi realizada por meio de revisão bibliográfica de livros e artigo que abordam a religião do ponto de vista sociológico. Além disso, procuramos nos atentar ao surgimento e desenvolvimento das novas ideias sobre Deus e a organização da sociedade na época moderna, desde a perspectiva filosófico-teológica.

## **3. REVISÃO DA LITERATURA**

### **A cosmovisão medieval**

Antes de adentrarmos no tema da secularização propriamente dito, foco central de nossa reflexão, acreditamos ser necessário esboçar, ainda que de forma sucinta, o panorama sócio-cultural-religioso presente na cristandade medieval, época esta que antecede as grandes transformações que marcam a modernidade e, consequentemente, o processo de desenvolvimento da secularização no Ocidente.

Como sabemos, a Idade Média, também conhecida como Idade das Trevas, numa ótica iluminista, é um período de cerca de 1.000 anos, que vai da queda do império romano do Ocidente em 476 d.C., favorecida pelas invasões bárbaras na Europa (godos, vândalos, hunos, alanos, suevos), ao ano de 1453, quando houve a invasão da cidade de Constantinopla pelos turcos otomanos.

Em relação ao processo histórico que dará origem àquilo que denominamos cristandade medieval, uma nova sociedade fundamentada e alicerçada nos ensinamentos da Igreja e do Evangelho, constatamos que há uma certa ironia nos fatos, uma vez que, foi nesse período “bárbaro” que, a partir da derrocada de um império

---

cristão, fez-se a civilização cristã às mãos de invasores bárbaros. Apenas para recordar, lembremos que o imperador Constantino, na segunda década do século IV, foi invertendo a situação da perseguição imperial aos cristãos: restitui-lhes os bens confiscados por Diocleciano, instituiu a liberdade religiosa, fixou a obrigatoriedade do descanso dominical e, para dissipar as polêmicas teológicas levantadas pelos arianos, convocou em 325 o Concílio de Nicéia. Houve uma continuidade desse apoio imperial ao cristianismo por parte do imperador Teodósio quando, já no final do século IV, proibiu os ritos e cultos pagãos, equiparando-os a crime de lesa-majestade.

Outro elemento de destaque e que chama a atenção é o fato de que em menos de um século a Igreja passa de perseguida a perseguidora. O herege, inimigo da Igreja, passa a ser considerado inimigo do Estado e recebe as devidas punições pelos seus crimes e pecados.

Evento que marca definitivamente a aliança entre Igreja e Estado é a coroação, na noite de natal do ano 800, pelas mãos do papa Leão III, de Carlos Magno, rei dos francos, como imperador do Sacro Império Romano.

Para melhor compreender a Idade Média, é preciso lembrar que a cosmovisão medieval é teocêntrica, ou seja, Deus é a origem e o destino de tudo que existe. Respirava-se o ar do Sagrado em todos os lados, de modo que a ligação entre o céu e a terra é algo óbvio e aceito por todos. Isso faz com que o *status quo* social, a ordem vigente das coisas, seja encarado como vontade de Deus, algo que não deve ser modificado.

A religião legitima as instituições infundindo-lhes um status ontológico de validade suprema, isto é, situando-as num quadro de referência sagrado e cósmico. As construções históricas da atividade humana são olhadas de um ponto privilegiado que, na sua própria autodefinição, transcende a história e o homem. Essa legitimação consiste em conceber a ordem institucional como refletindo diretamente ou manifestando a estrutura divina do cosmo, isto é, conceber a relação entre a sociedade e o cosmos como uma relação entre o microcosmo e o macrocosmo. Tudo “aqui em baixo” tem seu análogo “lá em cima” Par-

---

participando da ordem institucional, os homens, *ipso facto*, participam do cosmos divino (BERGER, 1985, p. 46).

Há toda uma áurea sagrada que perpassa o cotidiano, de forma que, tanto o sucesso como as adversidades da vida são encaradas como bênçãos e intervenções divinas, auxílio dos anjos e dos santos ou malefícios provindos do maior adversário dos homens, o diabo. Para se proteger do mal ou alcançar os favores divinos, importa se apoderar da relíquia de algum santo ou fazer muitas penitências. Nessa perspectiva, a religião e as concepções religiosas ajudam a manter e compreender a realidade presente, principalmente aquelas situações ligadas a vida cotidiana e que frequentemente são postas em dúvidas, como a presença do mal no mundo, o sofrimento dos justos, a necessidade de submissão às autoridades constituídas.

Para o homem medieval, o mundo é algo organizado e estático, pois segue uma ordem natural pré-determinada por Deus. Nessa perspectiva de instabilidade, como mostra Le Goff (1977), são estabelecidas as classes sociais medievais dos Oratores, Bellatores, Laboratores, ou seja, do clero (rezam), dos guerreiros (lutam e defendem a população) e dos trabalhadores (executam trabalhos em função das outras classes) com tal rigidez que dificilmente ocorrem mudanças ou passagem de membros de uma classe para outra.

No que diz respeito à sociedade, sabemos que a Igreja tem grande influência, de modo que, passa a ditar, fundamentada na Sagrada Escritura e nos ensinamentos dos grandes teólogos da época, as regras de comportamento e os fundamentos básicos da vivência em sociedade.

Com relação à cultura, a Igreja, herdeira da antiga tradição greco-romana, colocava-se como a grande educadora dos povos, pois, com a queda do império romano e a invasão dos povos bárbaros na Europa, é a única instituição forte e consistente que pode levar adiante o processo civilizatório do Ocidente. Os bispos, por serem pessoas letradas e com vasto conhecimento em várias áreas, além do trabalho eclesial, também desempenhavam funções burocráticas junto às esferas públicas. Também é pertinente o fato de que será junto das grandes catedrais e mosteiros medievais que surgirão as primeiras escolas e academias dedicadas ao ensino.

---

No campo político-econômico, por causa da aliança entre Igreja e Estado, há um processo de sacralização do poder temporal, de forma que a submissão a Deus e à Igreja, sua representante na terra, é também estendida aos reis e imperadores; por isso, além do poder temporal, esses passam a exercer também o poder espiritual, nomeando bispos e interferindo diretamente nos assuntos eclesiais.

A autoridade política é concebida como agente dos deuses, ou idealmente até como uma encarnação divina. O poder humano, o governo e o castigo se tornam, assim, fenômenos sacramentais, isto é, canais pelos quais forças divinas são aplicadas à vida dos homens para influenciá-los. O governante fala em nome dos deuses, ou é um deus e obedecer-lhe equivale a estar em relação correta com o mundo dos deuses (BERGER, 1985, p. 47).

A Igreja é também uma grande proprietária de terras (adivindas de doações de reis, príncipes e outros nobres que abraçaram a fé cristã); com isso possui grande poder e influência, a ponto de ditar a condução dos negócios e alianças políticas.

Esse quadro sócio-cultural-religioso da Idade Média irá mudar drasticamente, de modo que, se nesse período a religião, o sagrado, o aspecto religioso da vida se mostra como fator determinante, a modernidade, no intuito de valorizar e elevar a dignidade do ser humano, colocará esses aspectos da transcendência em segundo plano, quando não os combaterá como inimigos do progresso e desenvolvimento dos povos.

## **As mudanças ocorridas no início da modernidade**

Após termos contemplado uma visão panorâmica do mundo medieval, gostaríamos de relembrar as grandes mudanças e transformações ocorridas no início da modernidade, mudanças que, além de marcar época, influenciaram diretamente a secularização do Ocidente. Apenas a título de síntese da reflexão do tópico anterior, lembremos que, a partir de um fundamento filosófico que remonta os pré-socráticos, Deus é percebido na Idade Média como fundamento da ordem do ser e do pensamento, e ambos conver-

gem. Por isso, a ontologia cosmológica corresponde estritamente à antropológica e dá unidade a todo o Medievo. O homem e o mundo se compreendem desde Deus que se coloca como fundamento que respalda a ânsia de felicidades e a busca de certezas do homem e se homologa como horizonte das realidades das quais fundamenta.

Lembremos ainda que o imaginário religioso é determinante em toda época medieval e constitui o marco básico para compreender a Modernidade.

O imaginário religioso é determinante do mundo e da vida medieval e constitui a base de tradições simbólicas e pre-juízos constitutivos do pensamento, que nunca podem ser plenamente tematizados pela consciência reflexiva. Por isso, as mudanças religiosas têm sua grande importância como preparação da própria modernidade que toma distância e finalmente rompe com o religioso (ANTONIO ESTRADA, 2003, p. 71).

Do ponto de vista do pensamento, em relação ao conceito de Deus, é preciso destacar que a Modernidade rompe com o passado na medida em que passa a considerar a grande distância entre Deus e o mundo sensível. Assim, a absoluta liberdade de Deus, o ser infinito e perfeito, é o contraponto de seu isolamento soberano, já que não há nada em comum entre Deus e o mundo e não há possibilidade de passar do mundo a Deus. Começam a se perfilarem as problemáticas da consciência autônoma, que duvida e busca certezas em um mundo cuja ordem racional parece questionável. Nesse sentido, é preciso destacar a proposta cartesiana do Deus escondido (desconhecido) e soberano (não limitado pela razão ou mundo). Esta crescente autonomia da razão, assim como a problematização da relação entre Deus e o homem, é o que marca a aproximação da época moderna.

Em relação ao campo religioso, sabemos que a Reforma Protestante, com seu interiorismo, sua crítica à pura razão e sua dinamicidade emancipadora, passando da fé medieval na autoridade para a autoridade da fé, contribui também para a autonomia da consciência do sujeito frente à teologia natural e a autoridade religiosa.



---

Quando Lutero afirma na Dieta de Worms que só está disposto a retratar-se de suas afirmações se pudesse ser convencido com argumentos tirados das Escrituras ou com simples evidência da razão, está colocando a base do subjetivismo moderno e dos direitos da consciência (ANTONIO ESTRADA, 2003, p. 72).

É preciso dizer também que, através do slogan “s” da “*Sola Fide, Sola Scriptura*”, escondem-se os germes do individualismo posterior que leva à livre interpretação subjetiva da Escritura e ao livre exame, elementos que se contrapõem à tradição oficial e à interpretação institucional. Tudo isso origina e dá fundamento a novos caminhos que buscarão a salvação à margem das seguranças que ofereciam a institucionalidade eclesiástica (Igreja Católica Apostólica Romana).

Ainda em relação à área do conhecimento, temos que recordar que, de um teocentrismo radical presente em toda a Idade Média, passamos, na Modernidade, para um antropocentrismo exacerbado em que, seguindo as idéias humanistas da era renascentista, o “homem” se torna referência e medida de todas as coisas.

As ciências naturais também se colocarão como palco de conflitos acirrados entre Igreja e Ciência e entre fé e razão. Contrariamente à concepção religiosa clássica do Geocentrismo (a terra é o centro do universo), teremos o caso de Copérnico e Galileu que, por defenderem a teoria do Heliocentrismo (o sol é o centro do universo), serão condenados pelas instâncias eclesiásticas a ponto de serem julgados nos tribunais inquisitoriais.

No campo econômico, ainda focalizando as mudanças advindas da Reforma Protestante e que marcaram muito a Modernidade, precisamos compreender a nova perspectiva em relação ao trabalho e à aquisição de bens materiais. Em “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, o sociólogo Max Weber (2012) afirma que há uma estreita ligação entre o pensamento religioso protestante de linha calvinista e o desenvolvimento capitalista presente na Modernidade. Na ótica calvinista, diferentemente da cosmovisão medieval que via o trabalho como castigo divino imposto ao homem e o lucro e usura com pecado grave, o trabalho é uma vocação a que o

homem é destinado. Por meio dele, Deus é glorificado e a aquisição dos bens materiais é um sinal das bênçãos divinas sobre o eleito.

É verdade que a utilidade de uma vocação, e sua consequente aprovação aos olhos de Deus, é medida primeiramente em termos morais e depois em termos de importância dos bens por ela gerados para a comunidade. A seguir, porém, e em termos práticos acima de tudo, pelo critério mais importante da lucratividade do empreendimento. De fato, se Deus, cujas mãos os puritanos viam em todas as ocorrências da vida, aponta para um de seus eleitos uma oportunidade de lucro, este deve segui-la como propósito, de modo que, um cristão de fé deve atender a tal chamado tirando proveito da oportunidade (WEBER, 2012, p. 127).

Nessa nova perspectiva, o trabalho humilde que não gera lucro, a pobreza voluntária como manifestação do ascetismo cristão, marcas do Medievo, caem por terra. Aliás, o ócio e a opção pela pobreza são considerados pecados e delitos sociais.

Querer ser pobre era o mesmo que querer ser doente; era reprovável em relação à glorificação do trabalho e derogatório quanto à glória de Deus. Especialmente a mendicância por parte dos que estão aptos para o trabalho não é apenas um pecado de indolência, mas também uma violação, segundo as próprias palavras do apóstolo, do dever de irmandade (WEBER, 2012, p. 127).

A área política também passou por várias mudanças na Modernidade. Devido às grandes disputas que foram ocorrendo ao longo dos séculos entre Igreja e Estado pelo controle social, ocorreu um gradual distanciamento de ambos. A Igreja, por meio dos decretos papais da época, colocava-se como a verdadeira e única autoridade a ser respeitada tanto em relação ao campo espiritual quanto ao temporal. Os reis e príncipes, conscientes de seu papel na condução dos povos a eles confiados, já não dependiam do aval da Igreja quanto aos assuntos políticos. Aliás, nessa disputa pelo poder, muitos governantes se tornaram personalidades célebres da história por investirem contra a Igreja e seus representantes, tomando terras e destituindo líderes eclesiásticos de seus cargos.

A Igreja já não tinha tanta influência junto às nações. Caso exemplar é o dos reinos alemães que, ao aderir ao protestantismo,

---

rompem com a tutela eclesiástica sobre as nações, que perdurava por séculos.

Outro fato que marca a política moderna é a desacralização do poder temporal. O rei, o príncipe, já não é mais visto como um representante de Deus. Ele não governa a partir de uma concessão divina, mas, a partir do poder dado pelo próprio povo. Nessa nova perspectiva, para uma maior liberdade e autonomia do homem, juntamente com o confronto com a Igreja, as Monarquias serão alvos de ataques. É esse o fundamento, e o propósito das revoluções sociais, especialmente a mais destacada de todas, a Revolução Francesa de 1789.

### **Secularização: o que vem a ser isso? Inimiga ou fruto do próprio cristianismo?**

Depois de percorrermos os períodos históricos da Idade Média e Idade Moderna, finalmente vamos adentrar ao tema propriamente dito da secularização. Mas, o que vem a ser a secularização? É o mesmo que secularismo? Outra pergunta pertinente é se a secularização é algo externo e contrário ao cristianismo ou fruto do próprio processo de cristianização da sociedade. Com o intuito de responder essas e outras questões, queremos desenvolver nossa reflexão.

O termo secularização é uma história um tanto aventureira. Foi usado originalmente na esteira das guerras de religião, para indicar a perda do controle de territórios ou propriedades por parte das autoridades eclesiásticas. Secularização e, mais ainda seu derivado secularismo, é empregado como conceito ideológico altamente carregado de conotações valorativas tanto positivas como negativas. É bom lembrar que secularização não é a mesma coisa que secularismo. O secularismo pretende construir um mundo sem Deus, é uma mundivisão atéia. A secularização, por sua vez, quer somente tratar as coisas desse mundo conforme suas leis próprias (científicas, econômicas).

Em círculos anticlericais e progressistas, quando se fala de secularização pretende-se descrever o fenômeno da libertação do

homem moderno da tutela da religião, ao passo que, em círculos ligados às igrejas tradicionais, tem sido combatido como “descristianização”, “paganização” e termos equivalentes.

A título de síntese, poderíamos dizer que, por secularização entendemos o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos. Na história ocidental moderna, a secularização manifesta-se na retirada das igrejas cristãs de áreas que antes estavam sob seu controle ou influência; separação da Igreja e do Estado, expropriação das terras da Igreja, ou emancipação da educação do poder eclesiástico, por exemplo.

Quando se trata da cultura e dos símbolos, todavia, afirmamos implicitamente que a secularização é mais um processo socio-estrutural. Ela afeta a totalidade da vida cultural e da ideação e pode ser observada no declínio dos conteúdos religiosos nas artes, na filosofia, na literatura e, sobretudo, na ascensão da ciência, como uma perspectiva autônoma e inteiramente secular, do mundo.

Em relação a isso que acabamos de dizer, a Reforma Protestante se coloca como fator determinante no desenvolvimento do processo de secularização, na medida em que, optando apenas pela “*Sola Scriptura*” como meio de salvação, esvazia todo o universo simbólico-religioso da época por meio da negação dos sacramentos, da mediação dos santos, da oração pelos mortos, do sacrifício da missa, etc.; é o que denominamos “desencantamento do mundo”. Abolindo as mediações, o protestantismo rompe a continuidade, corta o cordão umbilical entre o céu e a terra, e assim atira o homem de volta a si mesmo de uma maneira sem precedentes na história.

Já que nada restou entre um Deus radicalmente transcendente e um mundo humano radicalmente imanente exceto esse único canal (*Sola Scriptura*), quando este submergiu na implausibilidade deixou uma realidade empírica na qual, verdadeiramente “Deus está morto” (BERGER, 1985, p. 125).

---

Essa realidade tornou-se, tanto no pensamento quanto na ação, receptiva à penetração sistemática e racional, que associamos à ciência e à tecnologia moderna.

Um céu onde não há mais anjos está aberto à intervenção do astrônomo e, eventualmente, do astronauta. Pode-se sustentar, pois, que o protestantismo funcionou como um prelúdio historicamente decisivo para a secularização, qualquer que tenha sido a importância de outros fatores (BERGER, 1985, p. 125).

No que concerne ao lado subjetivo da secularização, dizemos que, assim como há uma secularização da sociedade e da cultura, também há uma secularização das consciências. E isso se deve à influência do pensamento dos assim chamados “mestres da suspeita”, a saber, Marx (2013), Freud (2010) e Nietzsche (2012).

Para Marx (2013, p. 65), a religião – e aqui tomamos no sentido tradicional – é “[...] uma superestrutura, reflexo necessário das condições econômicas e sociais”. Caindo a infraestrutura capitalista, que a gerou, a religião definhará por falta de chão.

Freud (2010) situa a religião no plano psicológico, como um reflexo da tendência psíquica. Trata-se de nada mais que uma sublimação da libido, sem maior objetivo real.

Quanto à ideia de Deus, ouvimos em praça pública o grito de Nietzsche (2012, p. 77) ao excluir: “Deus está morto! Nós o matamos!” O assunto, naquela época, não teve grande repercussão. Mas, no século XX, tornou-se famoso, dando inclusive nome a uma nova teologia. Em relação a essa idéia, muitos autores dizem que a morte de Deus não é um acontecimento a celebrar, mas um fato cultural: numa sociedade, na qual a religião adquiriu valor em si mesma, o Deus transcendente da tradição cristã já não tem importância.

Para simplificar nossa fala, poderíamos dizer que o Ocidente moderno tem produzido um número crescente de indivíduos que encaram o mundo e suas próprias vidas sem o recurso às interpretações religiosas.

Embora a secularização possa ser vista como um fenômeno global das sociedades modernas, sua distribuição entre elas não é uniforme. Cada grupo da população tem sido atingido de modo di-

ferente. Assim, descobre-se que o impacto da secularização tende a ser mais forte em homens do que nas mulheres, em pessoas de meia idade do que nas muito jovens ou idosas, nas cidades do que no campo, em classes diretamente vinculadas à moderna produção industrial (classe trabalhadora) do que nas ocupações mais tradicionais (artesãos e pequenos comerciantes), em protestantes e judeus do que em católicos.

Pelo menos no que concerne à Europa, é possível dizer com alguma segurança, com base nesses dados, que a religiosidade ligada à Igreja é mais forte nas áreas marginais da sociedade industrial moderna, tanto em termos de classes marginais, quanto em termos de indivíduos. Por isso, podemos dizer que há uma estreita ligação entre o processo de secularização e a economia industrial-capitalista em expansão. Naquelas regiões do mundo ocidental em que a industrialização assumiu formas socialistas de organização, o principal fator determinante da secularização continua a ser a proximidade dos processos de produção industrial com seus concomitantes estilos de vida. É claro que, nesse âmbito, os Estados Unidos é uma exceção. Lá as igrejas ainda ocupam uma posição simbólica mais central, mas se pode argumentar que elas têm conseguido manter essa posição por terem-se tornado elas próprias altamente secularizadas. Podemos lembrar aqui o fenômeno das igrejas-eletrônicas que tem crescido nas últimas décadas.

Mas ainda há um ponto a ser considerado: a relação entre a tradição religiosa ocidental e a secularização. Não é nova a suspeita de que deve haver alguma conexão básica entre o cristianismo e o caráter do mundo ocidental moderno. Seguindo a linha de pensamento de Weber (2012) o mundo moderno é interpretado como a mais alta realização do espírito cristão. Ao contrário disso, vemos alguns pensadores como por exemplo Nietzsche (2012) que analisa o cristianismo como o principal fator patogênico responsável pelo suposto estado lastimável do mundo moderno. Acreditamos que a plausibilidade dessas idéias depende muito do ponto de vista e dos argumentos utilizados por cada seguimento. Sendo assim, ambas as correntes podem conter verdades e erros em seus discursos no que concerne a influência do cristianismo no mundo moderno.

---

## Mundo secularizado e posturas religiosas

Cabe agora uma palavra sobre a secularização na sociedade atual. Sabemos que os paradigmas mudaram, a forma de conceber a realidade mudou, a vida em sociedade seguiu novos rumos. Palavras como subjetivismo, hedonismo, niilismo, autonomia do sujeito, liberação sexual, respeito às diferenças são marcas do nosso tempo. E a religião? Continua mantendo seus fundamentos e padrões clássicos ou também passou por um processo de mutação? É sobre isso que queremos falar nesse tópico.

A religião não deixou de existir, como previam os sociólogos dos últimos séculos, mas perdeu consideravelmente sua influência social. Mesmo assim, temos que admitir que as crenças religiosas continuam sendo forças poderosas e motivacionais na vida de muitas pessoas, mesmo que essas não queiram prestar um culto formal dentro das estruturas da igreja tradicional. É de se notar que nas últimas décadas cresce o número de pessoas que mantêm uma crença em Deus ou numa força superior, mas praticam e desenvolvem sua fé fora das formas institucionalizadas de religião.

Outro ponto a ser considerado é que, se diminui o número de fieis na Igreja Católica, isso não ocorre com outros grupos religiosos como muçulmanos, hindus, judeus, evangélicos e cristãos ortodoxos, em que há uma participação ativa e dinâmica.

Chama atenção também o fato de que há poucas evidências do processo de secularização em sociedades não ocidentais como no Oriente Médio, Ásia, África e Índia. Aliás, o fundamentalismo islâmico se coloca como elemento que se contrapõe e desafia a ocidentalização e a secularização.

O sociólogo Anthony Giddens (2012) é enfático ao afirmar que o processo de secularização não está ligado às religiões como um todo, mas às igrejas tradicionais.

Parece claro que, como conceito, a secularização é mais proveitosa para explicar as mudanças ocorridas nas igrejas tradicionais atualmente – tanto em termos de declínio de poder e influência quanto em relação aos processos internos de secularização que afetam, por exemplo, o papel das

---

mulheres e dos homossexuais. As forças modernizadoras da sociedade como um todo estão sendo sentidas em muitas instituições religiosas tradicionais (GIDDENS, 2012, p. 505).

Mas, mesmo dentro desse seguimento, há enorme gama de variantes, visto que, se percebemos uma fuga de fiéis das comunidades religiosas tradicionais, tanto católicas como protestantes, o mesmo não ocorre no mais novo ramo que é o do tipo neopentecostal. Essa ala cresceu bastante nas últimas décadas e seu suposto “sucesso” se dá por causa da grande mutação que passou, tanto no seu discurso como na sua abordagem fundamentalmente intimista e emotiva, o que corresponde com as tendências da modernidade. O teólogo católico João Batista Libanio descreve esse fenômeno da seguinte forma:

Há ofertas de curas físicas e espirituais, de milagres por meio dos mais diversos rituais. Qualquer pessoa que consiga provocar algo sensivelmente parecido com milagre torna-se centro de atração. Os milagres cobrem o campo físico das doenças, as necessidades imediatas até as fragilidades psíquicas e espirituais. Há uma religiosidade ao encaixo de “comunidades emocionais”, que se constituem a partir de decisão pessoal e não necessariamente de uma conversão, como acontece em igrejas pentecostais<sup>39</sup>. São mais pessoais que propriamente institucionais. Predomina a escolha individual ao vínculo congregacional. As agências religiosas são escolhidas a partir dos gostos, interesses dos sujeitos e não a partir do seu valor objetivo, como instituição garantida pela tradição. Qualquer igreja ou religião serve, desde que satisfaça a necessidade em questão. Consoante com a atual cultura midiática, os pastores e ministros religiosos adestram-se cada vez mais na arte da comunicação de massa para fazer passar sua mercadoria religiosa. Montam-se canais de TV e emissoras de rádio em número crescente. Tornam-se centros de irradiação religiosa. A maneira da oferta assemelha-se muito aos programas de auditório, seguindo as regras da propaganda (LIBANIO, 2002, p. 82).

Nesse caso, parece que a religião sofreu tamanha mutação que já não se identifica mais com aquele elemento tradicional de ligação entre os homens e o sagrado, mas, pela instrumentalização,



---

tornou-se objeto de consumo que se utiliza para suprir as necessidades e carências básicas do ser humano.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de percorrermos todo esse caminho de reflexão, fica claro que o processo de secularização é algo complexo e ainda em desenvolvimento.

Algumas perspectivas sociológicas do passado que apontavam para o fim da religião e a crítica dos mestres da suspeita, já foram superadas. Percebemos que, além da permanência e atuação das religiões tradicionais na sociedade atual, uma nova onda de busca do sagrado ocorre através dos novos movimentos religiosos que surgiram nas últimas décadas.

No que diz respeito à relação entre Religião e Estado, acreditamos que todo esse enfrentamento entre partidários de posturas religiosas (cristãos contrários ao aborto) e leis governamentais que vão na contramão do que propõem as religiões (discriminação do aborto), favorecem o aprofundamento de temas ligados à vida humana. Se o Estado, por ser laico, tem o direito de reger a conduta dos cidadãos e criar leis civis sem a influência e interferência de regras e normas religiosas como no passado, a religião também tem o direito e, quem sabe, até o dever profético de colocar sua opinião e expressar seu posicionamento frente a tudo aquilo que diz respeito ao ser humano. Devemos lembrar que, se no passado as posturas religiosas radicais foram prejudiciais a muitas pessoas, alguns regimes políticos ditatoriais foram repressivos e violentos tanto quanto os teocráticos.

No nosso modo de pensar, a democracia é o grande ganho da contemporaneidade, porém, ela deve ser orientada para o benefício de todos os cidadãos, principalmente os menos favorecidos, e não estar a serviço de grupos minoritários que ditam as regras e normas sociais para o mundo todo, como é o caso da política internacional norte-americana.

## REFERÊNCIAS

- ANTONIO ESTRADA, J. *Deus nas tradições filosóficas: da morte de Deus à crise do sujeito*. São Paulo: Paulus, 2003.
- BERGER, P. L. *O Dossel Sagrado: elementos para uma sociologia da religião*. São Paulo: Paulus, 1985.
- FREUD, S. *O futuro de uma ilusão*. Porto Alegre: LePM Editores, 2010.
- GIDDENS, A. *Sociologia*. 4. ed. São Paulo: Editora Artmed, 2012.
- LE GOFF. *Para uma outra idade média: Tempo, trabalho e cultura no ocidente*. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.
- LIBANIO, J. B. O paradoxo do fenômeno religioso no início do milênio. *Revista Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, ano XXXIV, n. 94, p. 63-88, 2002.
- MARX, K. *Crítica a filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Editora Boitempo, 2013.
- NIETZSCHE, F. W. *Assim falou Saratustra*. São Paulo: Martin Claret, 2012.
- WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2012.